

CORRENTES ATUAIS NO PENSAMENTO PSICANALÍTICO(*)

*Darcy M. Uchôa(**)*

NÃO É FÁCIL UMA APRECIÇÃO CORRETA DAS VÁRIAS CORRENTES que atualmente dominam o pensamento psicanalítico: sob certos aspectos não há ainda um satisfatório trabalho de sedimentação de pontos básicos e, de outro, múltiplas e heterogêneas são as influências provenientes de outros campos de estudo e investigação. Têm de ser consideradas, do ponto de vista histórico-evolutivo, não apenas as várias modificações do pensamento de Freud e as contribuições marcantes de seus discípulos os mais talentosos e criadores, mas também a contribuição mais limitada, e nem sempre reconhecida, de outros investigadores que, embora não se destacassem pelo brilho de suas produções, não devem menos ser considerados como autênticos participantes na construção do edifício psicanalítico.

Definida, a princípio, a Psicanálise como “um método de investigação e de tratamento de certas doenças nervosas”, logo ampliou-se para assumir “status” de “ciência dos processos mentais inconscientes”, “uma psicologia das profundidades considerando a vida mental sob três pontos de vista: dinâmico, topográfico, econômico” (Freud, 1925). Tem sido objetada sua condição de ciência, sob alegação de que sua metodologia não se enquadra nos

* Relatório oficial apresentado ao VIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, Pôrto Alegre, outubro de 1970.

** Analista-didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

rigores e exatidão exigidos nos vários campos das ciências físico-matemáticas. Ciência (*scientia*, *scire*, saber, conhecer) é o conhecimento organizado dos fenômenos naturais e de suas relações (ciência natural) captados através de metodologia apropriada. Esta consiste na utilização de processos vários de colheita e manipulação dos fenômenos sob investigação, determinando-lhes as condições de aparecimento (método técnico ou tecnológico) a fim de se tornarem possíveis raciocínios e inferências em busca de regularidades, leis, condições do seu aparecimento para que se torne possível sua interpretação (método lógico).

Trata-se de descobrir ordem na natureza (ciência natural) ou no campo das demais áreas do conhecimento (ciências psicológicas e antro-po-sociais como exemplos). A mística da exatidão matemática como postulado básico de todo pensar científico (Galileu, como exemplo) revelou-se insatisfatória, mesmo porque muitas áreas do saber não se deixam reduzir ao raciocínio lógico-matemático. O absolutismo determinista, como exigência de padrão científico, sofreu rudes golpes, desde que Max Planck, com sua "teoria do quantum" (1900), invocou um "princípio de incerteza quântica" na Microfísica, afirmando Einstein (1905) que "a ciência é em si mesma filosofia", sendo introduzida assim uma margem de incerteza ou liberdade na metodologia científica. Não puderam continuar como campos absolutamente separados o da ciência e o da filosofia, parecendo inevitável que a última, em grau vário, inspire e fecunde a primeira, fato cada vez mais marcante à medida que o campo de observação e estudo se vá deslocando das ciências físico-matemáticas para o das ciências biológicas e antro-po-sociais.

Surgiram novas correntes neovitalistas e irracionaisistas (Nietzsche, Bergson, Driesch, Von Monakow, J. Bauer, O. Schwarz, P. Schilder, Allers e muitos outros). Dilthey separou as ciências naturais, passíveis de explicação causal, das ciências histórico-culturais, passíveis de compreensão. Observação, hipótese, dedução, verificação experimental foram consideradas os pilares básicos para a construção da ciência, possibilitando os métodos indutivos a observação dos fatos e sua generalização e os dedutivos, o raciocínio interpretativo dos conhecimentos já adquiridos.

Freud, ao descobrir o método de associação livre de idéias como instrumento específico de captação dos fenômenos inconscientes,

sempre se esforçou por dar-lhe características de método científico, pôsto não se cansasse de mostrar as dificuldades e incertezas no nôvo campo de trabalho, dependentes, em grande parte, da matéria que estava sendo descoberta e estudada de um lado e, de outro, das dificuldades metodológicas inerentes à própria observação dos fatos e de sua interpretação. Sua atitude era objetiva, empírica, interrogativa, e, mesmo diante dos fenômenos de transferência e contratransferência, procurou sempre conservar, com a sensibilidade empática necessária para a captação da problemática do paciente, a objetividade, o “não envolvimento”, condição para uma observação rigorosa e para uma interpretação adequada do material que estava sendo trazido. Por isso concordamos com Brenner quando, ao referir-se à história, assim se expressou: “Qualquer tentativa para se examinar os acontecimentos passados com espírito objetivo, interrogativo e empírico merece ser chamada ciência” (Brenner, 1968).

Mais recentemente Guntrip defende o conceito de “ciência psicodinâmica” ao criticar pontos de vista de Home (1966) quando êste autor define a ciência (ciência natural) como o estudo das atividades dos objetos mortos (inanimados), enquanto que o pensamento psicanalítico ou psicodinâmico não é “científico”, mas apenas “humanístico”, e o de Bion, quando afirma ser o intelecto do cientista bastante limitado para só apreender o inanimado e não objetos vivos (Bion-1962).

Se a Psicanálise ainda não atingiu fase experimental, em que pesem certos progressos nesse sentido (Sears, 1944), sendo ainda ciência de observação, descrição clínica e interpretação, fôrça é reconhecer que possui ela método próprio e definido, cada vez preocupando-se mais com métodos de pesquisa (Glover, 1952; Escalona, 1952; Engel, 1968) e com técnicas de validação (Brosin, 1955). Assim, podemos dizer que o aumento dos nossos conhecimentos sôbre os processos mentais conscientes e inconscientes tem influído sensivelmente na técnica psicanalítica que mais e mais se aperfeiçoa à luz dêsses novos descobrimentos.

A dificuldade no campo psicanalítico depende, em grande parte, dos envoltimentos emocionais a que está sujeito o psicanalista, não apenas pela sua ambição (bem compreensível) de cura dos seus pacientes, mas também porque aqui a atividade terapêutica e a investigadora se unem num contexto diádico “sui generis”. O

homem aqui é o objeto da própria investigação, como acontecera com o uso da introspecção, e grande parte dos dados colhidos durante as sessões psicanalíticas e sua interpretação se refere ao que há de mais íntimo no paciente (no analista), tornando-se difícil (mas não impossível) seu trato objetivo-científico e comunicativo.

Todavia, não mais podemos recusar ao método psicanalítico seu "status" de método científico, devendo igualmente ser considerado o conjunto dos conhecimentos psicanalíticos como "científico". Tal conclusão se impõe como evidência do nosso trabalho cotidiano, sendo mesmo a marca distintiva entre a investigação e a terapêutica psicanalíticas e as demais formas de psicoterapia (não compreensivas nem interpretativas, mas apenas persuasivo-sugestivas e reasseguradoras).

II

O pensamento de Freud sofreu várias modificações durante a elaboração progressiva da Psicanálise. Radicado a tóda uma tradição fisicalista e positivista que assumiu particular importância na segunda metade do século passado, teve êle de desprender-se, superando-os, de certos postulados incompatíveis com o nôvo campo científico que estava descobrindo. São conhecidas suas dúvidas e hesitações em tal ou qual momento, em tal ou qual situação, quando seu gênio criador, ao fazer determinada descoberta, tinha de lhe dar interpretação correta ou colocá-la no lugar adequado no conjunto do sistema que estava a construir. São conhecidos, por exemplo, seus esforços para construir um "Projeto para uma psicologia científica" (Psicologia para neurologistas, 1895), com fases de euforia e desalento, projeto que finalmente abandonou. Sentiu que tóda sua conceituação mecanicístico-fisicalista não poderia ser aplicada satisfatòriamente ao nôvo campo.

Daí à "Análise terminável e interminável" e ao "Esbôço de Psicanálise", isto é, durante todos os longos anos em que estêve construindo a Psicanálise, Freud orientou-se sempre pelos postulados das chamadas ciências naturais, principalmente até 1923, quando escreveu o "O Ego e o Id", empregando conceitos tais como fôrças, tendências, cargas (de energia), libido, conflito, instintos, adstrito rigorosamente a concepções deterministas e de cau-

salidade. Grande parte de suas concepções, sobretudo antes de iniciar pròpriamente sua psicologia do ego, parecia ser um compromisso entre postulados estabelecidos e outros por estabelecer. Como é sabido, foi aqui que recebeu Freud, de Binswanger, seu discípulo e amigo, a crítica de que jamais se desprendera do conceito de “homo naturalis”, crítica não de todo injusta se levarmos em consideração sua produção anterior a 1923, mas que perde fôrça a partir desta data, isto é, quando iniciou a construção de uma psicologia do ego.

Passou a conceber a estrutura psíquica mais como “organização” de que como “aparelho”, como faz notar M. Brierley (1969), parecendo assim mais desprendido de conceitos mecanicistas ao evoluir para uma concepção mais estrutural da personalidade humana. Vida mental inconsciente, teoria dos instintos (da libido a princípio e, depois, a nova dualidade instintiva de impulsos de vida e de morte), repressão nos pacientes histéricos, “realidades psicológicas” e o papel das fantasias (romance familiar neurótico e as teorias sexuais infantis), tudo estava a revelar a construção de uma psicologia profunda do Id.

Através de uma fase intermediária (caso Schreber, “Narcisismo”, Luto e Melancolia, Pensamentos sôbre guerra e paz como exemplos), aportou a uma grande segunda fase do seu pensamento, ao iniciar, imediatamente precedida pelo famoso ensaio “Para além do Princípio do Prazer”, sua psicologia do ego (Freud, 1921, 1923). Modificara êle sua teoria dos instintos (1920), a teoria da angústia (angústia sinal com sede no ego, 1926), logo escrevendo “O Futuro duma Ilusão” (1927) e o “Mal-estar na cultura” (1930). Com “Construções na análise” (1937) e “Análise terminável e interminável” (1937), parece ter atingido o clímax de sua atividade científica, concluída com os três ensaios sôbre “Moisés e o Monoteísmo” (1939). Estava terminada a Psicanálise freudiana, a chamada Psicanálise clássica, obra quase exclusiva do seu gênio, mas com participação também de discípulos ilustres, alguns tornados dissidentes (Adler, Jung, Stekel, Rank). Ferenczi, Abraham, Sachs, Eitingon, Jones, Federn e muitos outros nomes ilustres conservaram-se fiéis ao mestre, todos, de certa forma, contribuindo para a criação da denominada “escola clássica” de Psicanálise.

Mais recentemente, e com grande receptividade entre os psicanalistas americanos, surgiram os trabalhos de Hartmann e colaboradores, desde sua contribuição inicial intitulada "Psicologia do ego e o problema da adaptação" (1939) até suas mais recentes contribuições sobre certas modificações da teoria psicanalítica do ego, sobre a formação da estrutura psíquica, seu conceito de autonomia primária e secundária do ego e de suas áreas não conflituosas, seus estudos sobre sublimação, metapsicologia da esquizofrenia etc. (Hartmann, 1964).

Parece também que alcançam progressiva receptividade os trabalhos de Erikson, sobretudo seus estudos sobre problemas de identidade do ego, sobre as "crises" da personalidade, com toda uma vertente psico-social, de grande fecundidade (Erikson, 1950, 1961). Os trabalhos de P. Federn parecem se integrar à órbita do pensamento psicanalítico clássico (não obstante algumas divergências quanto à teoria da libido, conceito de narcisismo etc.) tendo sido profundas e originais suas contribuições para a "Psicologia do Ego", e no campo da despersonalização, das psicoses esquizofrênicas e maníaco-depressivas, na terapêutica psicanalítica das psicoses etc. (Federn, 1952; Weiss, 1950, 1951).

Entre outras figuras de destaque na construção da Psicanálise, citamos ainda Paul Schilder, filósofo, psiquiatra e psicanalista, espírito de grande riqueza e profundidade, que escreveu mesmo "Uma Psiquiatria sobre bases Psicanalíticas" (Schilder, 1928). Todos esses autores, pôsto com opiniões por vezes divergentes de Freud, mas sempre com produtividade original, contribuíram para enriquecer a obra, sem dúvida poderosa, que ergueu Freud, isto é, a escola clássica (ortodoxa, freudiana) da Psicanálise.

III

Melanie Klein ocupa, sem dúvida, posição ímpar dentro da Psicanálise, quase comparável à de Freud, na medida em que criou uma nova escola, isto é, a escola inglesa. Sendo uma das três figuras pioneiras da Psicanálise infantil (com Hug Hellmuth, 1921 e Ana Freud, 1927), foi impondo cada vez mais seu trabalho a quase todas as áreas da Psicanálise. Suas contribuições no campo da Psicanálise infantil foram sendo progressivamente ampliadas,

desde as iniciais (1921, 1923) até as constantes do seu livro fundamental (Klein, 1932). Discípula de Karl Abraham, recebeu dêle estímulo e influência, o que, por certo, nada diminui o seu mérito, dadas a riqueza e originalidade de seu pensamento. Divergiu, em muitos pontos, da obra de Freud, mas em outros como, por exemplo, na aceitação e aplicação da teoria dos instintos de morte, revelou-se mais freudiana de que muitos dos autênticos freudianos.

Penetrou, com raro talento e profundidade, no mundo psicológico infantil, conseguindo, através de sua técnica lúdico-simbólica, exumar todo um mundo de fantasias e conflitos já dinâmica e complexamente estruturadas dentro do psiquismo infantil. Psicanalista da infância, não se limitou ela ao trabalho nessa área, por certo de extrema importância, mas, com raro talento quase próximo ao gênio, conseguiu aplicar, com grande êxito, muitas de suas mais importantes descobertas aos demais setores da Psicanálise dos adultos. Entre seus conceitos fundamentais, destacam-se: objetos internos (possivelmente inspirando-se no conceito de superego freudiano), importância das fantasias, já durante as primeiras fase do desenvolvimento da criança, complexo de Édipo iniciando-se e configurando-se já em plena situação triangular, no curso do primeiro ano, superego também já configurado nessa mesma época e sentido como objeto interno perseguidor e idealizado, descrição de toda uma série de mecanismos de defesa, já nessa época tão recuada do ego primitivo (onipotência, negação, divisão, projeção, introjeção, repressão primária etc.), o conceito de “posições” (esquizo) paranóide e depressiva, conceitos todos com ampla repercussão no campo da Psicanálise infantil e no da dos adultos. Do ponto de vista da técnica, acentuou a “interpretação” como arma terapêutica por excelência, rejeitando pontos de vista de Ana Freud e outros psicanalistas da infância quanto ao uso de influxos reassuradores ou facilitadores de contato com os pequenos pacientes.

Insistiu ela no uso quase exclusivo das interpretações transferenceais, acentuando a importância da análise da transferência negativa, isto é, da irrupção do ódio e agressão em relação com os processos defensivos de divisão, projeção e introjeção principalmente (ressalte-se aqui sua importante descoberta da “identificação projetiva”, ao lado da introjetiva — Klein, 1946). Em 1957

mostrou a grande importância da inveja a serviço da agressão (gula, voracidade, ódio) na dinâmica profunda dos pacientes, devendo o analista compreender e analisar tais sentimentos e fantasias em suas manifestações transferenciais (e contratransferenciais — Klein, 1957). Entre seus trabalhos fundamentais destacamos: “Psicanálise das Crianças” (1932), “Contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos” (1934), “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946), “Inveja e Gratidão” (1957), “Narrativa da análise de uma criança” (1961), tendo sido reunidos muitos trabalhos seus em dois volumes editados respectivamente em 1948 e 1952.

Grande foi o impacto produzido pela obra de M. Klein primeiramente dentro da Sociedade Psicanalítica Britânica (vejam-se as “Discussões” de 1943) e logo, nos demais centros psicanalíticos continentais. Críticas surgiram acompanhadas de francas exaltações emocionais, sugerindo estarem em jogo fenômenos francos de “resistência” comparáveis aos denunciados por Freud diante de suas primeiras publicações psicanalíticas. De outro lado, também com forte colorido emocional, surgiram acentuadas e, por vezes, quase fanáticas adesões, como se sua obra despertasse forças latentes, até então adormecidas dentro dos extratos mais profundos da alma humana. Atenuaram-se pouco a pouco as dissensões e a obra de Klein pôde ir sendo compreendida e assimilada, formando-se por fim um poderoso grupo de estudiosos e investigadores, isto é, o grupo kleiniano, “escola kleiniana”, não, todavia, sem terem sido vencidas grandes dificuldades. Freudianos foram acusados de reacionários, neuróticamente fixados à imagem de uma veneranda e genial personalidade, incapazes de dela se desprenderem para o pensamento independente e criador de um lado, e kleinianos acusados de abuso das próprias fantasias, construindo e reconstruindo sem base na realidade clínica, contratransferencialmente projetando sua problemática sobre os pacientes, de outro.

Tal cisma parece ter entorpecido o progresso do pensamento psicanalítico, por faltar o diálogo franco e amigo que, por certo, seria construtivo e esclarecedor. Parece que tal situação muito se atenuou nos últimos anos, senão mesmo quase desapareceu, a julgar pelos colóquios e discussões nos vários congressos psicanalíticos internacionais, como se a teoria freudiana se aprofundasse mais e mais para os níveis pré-genitais e pré-edipianos e a teoria

kleiniana também fôsse admitindo certas aquisições freudianas nos níveis mais avançados do desenvolvimento dos instintos e do sistema ego-superego. Se os analistas dos Estados Unidos aceitam os postulados freudianos e hartmanianos, revelando-se não receptivos aos influxos kleinianos, e os latino-americanos, ao contrário, se mostram receptivos às aquisições kleinianas, como recentemente frisou Grinberg (1969), pensamos, todavia, que se está processando um silencioso, mas construtivo sincretismo dessas duas poderosas escolas do pensamento psicanalítico. Há maior tolerância recíproca, mais compreensão e mais diálogo, já se tornando possível discussão em níveis mais intelectuais, racionais e menos emocionais.

Devemos fazer agora uma rápida menção às contribuições de W. R. D. Fairbairn. Êste autor, em seu trabalho de 1940, deu principal importância aos fatores esquizóides da personalidade. Negou a possibilidade duma psicologia dos instintos, orientando-se no sentido duma psicologia estrutural do ego. Em 1941 procurou fazer revisão da teoria da libido, tendo chegado às seguintes conclusões: a libido busca essencialmente os objetos; as zonas erógenas não são determinantes primárias de fins libidinosos, mas canais que permitem a busca dos objetos, considerada fim primário do ego; toda teoria do desenvolvimento do ego deve ser concebida em termos de relações com objetos, sobretudo com os internalizados durante a infância remota sob pressão de privações e frustrações (Fairbairn, 1941).

Admite Fairbairn apenas as fases oral e genital, sendo as demais do esquema de Abraham "técnicas" usadas pelo ego para regularizar suas relações com os objetos. Em vez duma teoria dos instintos, postula uma teoria sobre os relacionamentos com os objetos internos e externos, integrando-se o conceito de energias impulsivas dentro da estrutura do ego. Há internalização e repressão dos objetos frustrantes, mas acrescidos posteriormente pela "defesa oral" (superego freudiano). Os objetos mais internalizados têm dois aspectos: excitante e rejeitante. O ego central, ao reprimir os objetos excitante e rejeitante, divide-se e reprime, ao mesmo tempo, partes de si mesmo ligadas àqueles objetos, isto é, o ego libidinoso e o "saboteur" respectivamente.

Fairbairn admite estados esquizóides em normais, neuróticos e como substrato disposicional e infantil nos futuros esquizofrênicos

(posição esquizóide). Há, segundo o referido autor, formação de estruturas internas, endopsíquicas, construídas por processos de fusão, condensação de impulsos e fantasias, havendo, na situação edipiana figuras internalizadas de pais excitantes e rejeitantes. Adere ao princípio da estrutura dinâmica, admitindo alterações nas relações estruturais e nas relações entre as estruturas, tôdas essencialmente diretivas, considerando os sintomas como expressões da personalidade total. Enquanto Klein aprofundou a psicologia dos impulsos, das ansiedades e defesas mais precoces do ego, Fairbairn, partindo de uma psicologia estrutural do ego, contribuiu decisivamente para a psicopatologia dinâmica baseada em processos que envolvem o relacionamento do ego com os objetos externos e internalizados (Fairbairn, 1951).

Pensamos, em suma, que Fairbairn, como Klein, não nega Freud, mas o complementa ao acentuar certos aspectos dinâmicos estruturais da psicologia profunda do ego. Bion vem apresentando recentemente tôda uma série de formulações que, sem dúvida, vem enriquecendo a teoria psicanalítica. Após várias contribuições de valor no campo da psicopatologia dinâmico-analítica (“teoria da esquizofrenia”, 1953 e do “pensamento esquizofrênico”, 1956, “diferenciação das personalidades psicóticas das não-psicóticas”, 1957, “arrogância”, 1957, “alucinação”, 1958, “ataques sôbre os elos”, 1959, “uma teoria do pensamento”, 1962) (Bion, 1967), vem formulando novos conceitos em seus mais recentes livros (Bion, 1962, 1963, 1965). Propõe uma teoria das funções para ser aplicada à teoria e prática da Psicanálise. A função alfa se exerce sôbre sensações e experiências emocionais, produzindo os elementos alfa (imagens visuais, sensações auditivas, olfativas etc.) para que sejam armazenados e utilizados posteriormente na criação do pensamento inconsciente da vigília, nos pensamentos oníricos, na “barreira de contato” etc.

Se a função alfa se perturba e, por conseguinte, não atua, as impressões sensoriais que o paciente percebe e as emoções que experimenta permanecem inalteradas: são os elementos beta. Ao contrário dos elementos alfa, os elementos beta não são sentidos como fenômenos, mas como “coisa em si” no sentido de Kant. Os elementos beta não se prestam à utilização como pensamentos oníricos, mas são passíveis de emprêgo na identificação projetiva,

assumindo importância na produção da atuação e em grande parte de mecanismos psicóticos. Para Bion a função alfa é necessária para o pensar consciente e o raciocínio, para se relegar o pensar para o inconsciente pois, se há apenas elementos beta, não pode haver repressão nem supressão nem o aprender, ficando o paciente incapaz de discriminação.

A delimitação do consciente e do inconsciente é possibilitada por uma barreira entre eles, isto é, a “barreira de contato”, delimitando tal barreira o ponto de contato e de separação entre os elementos conscientes, regulando, de certa forma, a passagem seletiva de um para outro sistema. Quando há reversão da direção da função alfa, ao invés de as impressões se transformarem em elementos alfa para uso dos elementos oníricos e no pensar inconsciente da vigília, o desenvolvimento da “barreira de contato” se substitui por sua destruição, ficando os elementos alfa despojados de todas as características que os separam dos elementos beta, formando-se assim a tela beta. Os elementos alfa, assim despojados de suas características e assumindo as dos elementos beta, se convertem em objetos bizarros, que são o elemento beta mais os traços do ego e do superego.

Bion utiliza os termos “função” e “fator” com deliberada ambigüidade, designando a primeira o nome da atividade mental peculiar a certos fatores que atuam em conjunto, e o segundo, o nome de atividade mental que atua em conjunto com outras atividades mentais para constituírem a função. A teoria das funções facilita a união da realização com o sistema dedutivo que a representa, emprestando seu uso flexibilidade à teoria da análise. Escreve: “Se o analista observa as funções e delas deduz os fatores que se lhes relaciona, preenche-se a lacuna entre a teoria e a observação, sem a elaboração de teorias, possivelmente desorientadoras” (Bion, 1962).

Bion estudou o processo do pensar baseado em pacientes que apresentavam sérios distúrbios do pensamento. Admite que, no início, há apenas experiências sensoriais e emocionais muito primitivas — protopensamentos, relacionados com a experiência concreta de uma “coisa em si”. Formula a hipótese de um aparelho para pensar os pensamentos. Apóia-se em M. Klein, não apenas em sua teoria da dissociação e da identificação projetiva, da transição da posição esquizoparanóide para a depressiva e vice-versa,

da formação de símbolos, mas também em outros conceitos básicos, tais como quando afirma que a incorporação do leite, da proteção e do amor, por parte do bebê, equivale à incorporação do seio bom como condição para sentir-se cheio de objetos internos bons. O lactente não sente que quer o peito bom, porém que quer evacuar o peito mau como se captasse a necessidade não satisfeita, isto é, o peito mau desejado, porém ausente, é mais facilmente reconhecido como idéia ou pensamento, enquanto o peito bom estaria mais identificado com a “coisa em si”.

Apóia-se em Freud (os dois princípios do funcionamento mental, 1911) ao afirmar que “a restrição da descarga motora (da ação) se tornou necessária e surgiu graças ao processo do pensamento que se desenvolve da ideação, como se o pensamento constituísse essencialmente o modo experimental de atuar, que se acompanha do deslocamento de menores quantidades de catexias junto a menor dispêndio (descarga) delas”. Para Bion muito importante é a forma de comportamento do paciente: se êle se destina a evitar a frustração ou a modificá-la. Para que se possam formar pensamentos e se desenvolvam aparelhos para pensá-los, Bion admite a existência de dois mecanismos: um representando a relação dinâmica entre algo que se projeta (conteúdo) e um objeto que o recebe (continente) e o mecanismo representado pela relação entre as posições esquizoparanóide e depressiva descrita por Klein. Bion assinala o caráter doloroso do conhecer e mostra a importância do amor, do ódio e do conhecimento nas relações interpessoais, usando as siglas LHK (AOC) para que o analista sinta que firmou pontos de referência, evitando “o perigo de elaborar um sistema de abstrações falho de fundamento e sujeito apenas à manipulação engenhosa e arbitrária” (Bion, 1962).

Bion propõe a utilização de uma “grade” como instrumento de registro para ajudar o analista a pensar os problemas analíticos referentes aos fatos ocorridos durante as sessões, aconselhando o uso de poucas teorias analíticas, mas com suficiente flexibilidade para abarcar os fatos colhidos e as reflexões sobre eles. Em seu livro intitulado “Transformation; change from learning to growth”, elabora grande parte dos temas tratados em “Learning from Experience” e “Elements of Psycho-Analysis”, mas discutindo novos problemas no campo da reflexão psicanalítica, tais como ‘Trans-

formação e invariabilidade em suas aplicações aos problemas da teoria e da prática psicanalíticas (Bion, 1965).

Parece ser ainda precoce uma avaliação dessas últimas contribuições de Bion para a teoria e a prática da Psicanálise. Apóia-se em Freud e em Klein, recorrendo em muitos pontos de suas exposições a noções filosóficas e mesmo matemáticas. Claro ao debater certos temas, parecendo confuso o seu pensamento em outros, não se pode fugir, todavia, à impressão de que se trata de um pensador profundo e original com capacidade criadora, esforçando-se por formular novos e mais profundos conceitos no campo da teoria e da prática psicanalíticas. Sua obra, de forma alguma concluída, mas, ao contrário, em plena evolução, necessita de um mínimo de sedimentação para ser corretamente avaliada. Traduz esforços por abrir novos caminhos em área de extrema complexidade e dificuldade. Sua contribuição vem sendo, a nosso ver, positiva, pois pensamos já ser tempo para uma reflexão teórica profunda, crítica e mesmo filosófica, sobre as bases e princípios que sustentam o portentoso edifício construído por S. Freud.

As dificuldades são imensas, o terreno pode ser ingrato pelo perigo do divórcio entre a realidade clínica e a especulação metapsicológica mas, nem por isso, menos útil e urgente. Bion, como Freud e como Klein, encontrará, como aliás já vai encontrando, fervorosos aderentes e também críticos intransigentes, mas é essencial que a análise de sua obra seja conduzida em clima não emocional, ou, pelo menos, que as interferências emocionais não perturbem o que há de profundo, construtivo e rico em seu pensamento e realização.

IV

Já foi mencionado como a Psicanálise não se limitou ao campo da Medicina, ampliando-se mais e mais o campo de suas aplicações extramédicas, mais precisamente para o campo das ciências antro-po-sociais (mitologia, religião, etnologia etc.). Freud interpretou a grande maioria dos mitos como projeções de motivos humanos, instintos e emoções, que sempre encontrava em seus pacientes, destacando-se os temas de nascimento e morte, de conflitos de amor e ódio dentro da constelação familiar, ressaltando

aqui, como na psicologia individual, o papel do complexo de Édipo.

Contribuiu, no dizer de Jones (1957), para a humanização da mitologia. Denunciou a “coerção nociva da vida sexual dos povos civilizados (o dos estados sociais cultos), pela moral sexual nêles imperante” (Freud, 1908). Em 1912-13 publicou o “Totem e Tabu”, onde estudou crenças e costumes de selvagens primitivos, comparando-os a certas manifestações neuróticas e lançando as bases fundamentais duma teoria psico-sociológica da cultura. O tabu do incesto e a lei da exogamia traduzem, em forma institucionalizada, as defesas do neurótico (e do homem normal) contra as tentações incestuosas para a mãe (complexo de Édipo). Freud mostrou como o animal totem era o símbolo do pai, chefe da horda primitiva (apoiado em trabalhos de Darwin, Atkinson e Robertson Smith), onipotente, tirano possuidor único das mulheres do clã, que foi assassinado pelos filhos revoltados, mas permaneceu amado, venerado, invejado e temido no respeito pelo totem sob ação do remorso e do sentimento de culpa pelo crime cometido.

Com a união (homossexual) dos irmãos e a renúncia das mulheres da mesma família tribal regida por códigos totêmicos, foram lançados, com os primeiros núcleos da civilização, os primeiros elementos da Moral e da Religião, do Direito e das demais instituições sócio-culturais. Tais idéias e conclusões do “Totem e Tabu” foram confirmadas no último livro de Freud, “Moisés e a religião monoteísta” (1939), todo dedicado a tema histórico-religioso.

Aceitou sempre a hipótese da herança filogenética, admitindo que as massas, como os indivíduos, conservam a impressão do passado sob traços de recordações inconscientes. Escreveu: “A disposição filogenética pode ser apreendida sob o processo ontogenético. Mas disposição é, em última análise, o precipitado da anterior experiência da espécie, à qual a mais recente experiência do indivíduo, como soma de fatores acidentais, é superajuntada” (Freud 1914).

Todavia, o estudo mais apurado da essência dos laços sociais, da psicologia de grupo, só foi possível com a publicação da “Psi-

cologia de grupo e Análise do Eu" (Freud 1921). Estuda o problema da religião no "Futuro de uma ilusão" (1927), escrevendo, em 1930, o seu trabalho mais importante para a sociologia ("Mal-estar na cultura"). Civilização, diz Freud, só é possível à custa de repressões e renúncias. Os homens procuram felicidade, eliminando a dor e o desconforto e buscando o prazer. Tornam-se neuróticos porque não toleram o grau de privação que a sociedade impõe sobre eles em virtude de seus fins culturais, e foi suposto que uma volta a maiores possibilidades de felicidade seguir-se-á, se tais padrões forem abolidos ou grandemente relaxados". Assim são grandes as semelhanças entre o processo de desenvolvimento cultural e o de desenvolvimento libidinoso no indivíduo, insistindo Freud sobre a função neurotizante da civilização pelas repressões que impõe sobre os impulsos (Freud, 1930).

A dialética da civilização é cada vez mais compreendida em termos de Eros e Tânatos, havendo, no dizer de Freud, deflexão para o exterior dos instintos de morte sob forma de agitações sociais revolucionárias e agressivas, a guerra e criminalidade (Freud, 1915). Também versou, com rara mestria, temas de arqueologia e história das civilizações, de religião e mitologia, de literatura e filosofia, enriquecendo a ciência antro-po-sociológica.

A escola da "Neopsicanálise culturalista" (Horney, Fromm, Sullivan, Kardiner) surgiu como necessidade de criticar as contribuições de Freud no campo das ciências sociais e culturais, havendo todo um trabalho de revisão crítica de certos postulados freudianos de tipo biológico-instintivo.

Antropólogos, baseados em estudos diretos de culturas primitivas, negaram a universalidade do complexo de Édipo. Malinovski (1949) não o encontrou nos primitivos de Trobriand, ilha melanésia sob regime matriarcal, isto é, uma ordem social na qual a relação de parentesco se deriva exclusivamente da mãe, em que os direitos de sucessão e herança só regem em linha materna. As condições de vida em Samoa são contrárias, segundo informa M. Mead (1928), para os laços emocionais característicos da situação edipiana, dado o caráter da vida de irmãos, irmãs, primos, sem qualquer disciplina na vida dos instintos, com dispersão de afeto pelos adultos que com eles convivem sob o mesmo teto, fator, aliás, encontrado pela autora em muitas outras culturas primitivas estudadas (1952, 1959).

A conclusão tirada foi que o conflito não faz parte da natureza humana, mas depende de fatores culturais atuando na organização familiar (Mead, 1952; Kluckhohn, 1954; Malinovski, 1942). De tal crítica antro-po-sociológica aproxima-se a formulada pela escola de "Neopsicanálise culturalista", que desvaloriza os fatores biológico-instintivos em favor dos culturais, enfraquecendo-se a interpretação dialética da civilização em termos de conflito ou antagonismos entre tendências de satisfação instintiva e a necessidade de "coerção social" (Durkheim).

Em vez de repressões dos impulsos sexuais e agressivos ou então de sublimações mais ou menos falhadas, urge uma concepção mais otimista de "aculturação", de harmonia do individual com o social. A teoria da libido é criticada de tal forma que tende a desaparecer, volatizando-se em favor de atitudes e comportamentos impostos pela cultura, desvalorizando-se o sentido bio-psicológico dos complexos familiares ao ser postulado que é o social, o cultural que determina e dá ênfase às diversas "zonas erógenas" e às fases evolutivas da libido, segundo os postulados clássicos de Freud e Abraham. A crítica da teoria da horda primitiva por sociólogos e antropólogos foi mais aceita do que as demais, como também a hipótese da persistência da memória da raça, da herança arcaica filogenética.

G. Roheim criticou o trabalho de Malinovski: não se trata de um psicanalista, os selvagens da ilha Trobriand não foram analisados, o complexo de Édipo estava deslocado sobre substitutos como tios, irmãos etc., tendo encontrado Roheim em material onírico, em mitos e prescrições legais (proibições, tabus, ritos de iniciação etc.) o complexo de Édipo. Kardiner (1936), Kardiner e colaboradores (1945) lançaram o conceito de "tipo de personalidade básica" como "a configuração da personalidade compartilhada pela maioria dos membros da comunidade como resultado das primeiras experiências que tiveram em comum".

O mesmo tipo de personalidade básica pode refletir-se em diferentes formas de comportamento e pode participar em muitas configurações diferentes de personalidade total. Em "A personalidade neurótica de nosso tempo" (1937), K. Horney procurou caracterizar certas contradições da moderna cultura: é baseada economicamente sobre o princípio de competição individual, o que

tende a mobilizar tensão hostil entre os indivíduos; o medo resultante de tal hostilidade aumentaria a necessidade de afeto, sobrestimando-se assim o amor em nossa cultura. Geram-se contradições entre competição e sucesso de um lado, e amor fraternal e humilde de outro, entre estímulo de nossas necessidades e frustrações por não ser possível sua satisfação; entre alegada liberdade do indivíduo e suas limitações em realidade. Tôdas essas contradições, diz a autora, encontram-se bem incrementadas no neurótico.

Entre as contribuições de Horney destacam-se o papel importante que ela dá à situação atual do paciente, necessidade de afeto por parte do neurótico, nova interpretação da compulsão de repetição, importância das finalidades neuróticas do paciente (semelhantes ao ponto de vista teleológico de Adler), contribuindo para a angústia secundária, admissão das coerções culturais sobre a origem das neuroses, seu conceito de angústia básica, de estrutura de base e das neuroses, tendendo a autora a desvalorizar as influências do passado em favor dos sucessos mais ou menos conflituosos do presente (Horney, 1937, 1939).

Também uma tentativa semelhante foi feita por Fromm (1958) com seu conceito de "caráter social", definido como "*o núcleo essencial da estrutura do caráter da maioria dos membros de um grupo, núcleo que se desenvolve como resultado das experiências básicas e modos de vida do próprio grupo*". Geram-se no homem moderno, diz Fromm, certos poderes internos, a consciência e dever, que o fiscalizam com maior eficiência que as autoridades externas. "*Em outras palavras, o caráter social internaliza as necessidades externas, enfocando-se, dêsse modo, a energia humana para as tarefas referidas por um sistema social determinado*" (grifos do autor) (Fromm, 1958).

Tôdas essas afirmações traduzem, a nosso ver, atitudes de compromisso que os "culturalistas" procuram assumir no confronto do individual com o social, apresentando uma fórmula em que há acentuada valorização dos fatores socio-culturais em detrimento das forças biológicas primárias (instintivo-emocionais), desvalorizando-se os dados fundamentais trazidos pela investigação psicanalítica. Sullivan apresentou toda uma teoria das relações interpessoais, isto é, o ser humano é produto da inter-relação entre ele e os outros seres humanos, formando-se a personalidade a

partir das forças pessoais e sociais que atuam sobre o indivíduo desde o seu nascimento. Destaca duas finalidades básicas: a busca do prazer e a busca da segurança, a primeira em relação com as necessidades biológicas e a segunda em relação com os processos culturais.

Desde o nascimento, segundo Sullivan, certas atitudes da cultura são transmitidas à criança através dos pais e das demais pessoas que influem em seu desenvolvimento. A aprovação lhe dá bem-estar e segurança; a desaprovação, insegurança e angústia. Para evitar tais sentimentos desagradáveis, tende a criança a desenvolver e acentuar os aspectos de si mesma que são aceitos pelos pais e demais pessoas influentes. Criam-se assim o “eu” e o “não eu”, dissociando-se este último e não sendo reconhecido como parte do si mesmo, ou, então, sentido como a parte má do si mesmo. A Psiquiatria é definida como o estudo dos processos que envolvem as pessoas entre si. O seu campo é “o campo das relações interpessoais sob quaisquer circunstâncias em que tais relações existem, não podendo a personalidade ser isolada do complexo de relações interpessoais em que a pessoa vive e se situa” (Sullivan, 1947).

Entre suas contribuições mais importantes destacam-se a teoria do dinamismo no self, de suas relações com a angústia, seu conceito da deformação paratáxica, sua teoria do desenvolvimento da personalidade, suas idéias sobre a “dissolução” e “a inatenção seletiva”, sendo o “self-dynamism”, ou “self-system”, concebido como um processo ou uma configuração de relações interpessoais, postulando Sullivan uma “pessoa integrada-em-uma-situação-com-outra-pessoa-ou-pessoas”, tudo a configurar uma situação interpessoal (P. Mullahy, 1947; Sullivan, 1947). Destaca-se, repetimos, na contribuição desses autores, a preocupação de acentuar o papel da cultura, em detrimento dos instintos, na explicação do comportamento humano, como se grande parte da biologia fôsse modificada pela cultura, assumindo esta papel primacial na explicação do comportamento humano, especialmente no campo das neuroses.

A maior parte das aquisições psicanalíticas, na medida em que se apóiam na biologia dos instintos e das tendências, nas configurações instintivo-emocionais e no mundo das fantasias, isto é,

grande parte da dinâmica intrapsíquica, como algo fundamental da natureza humana, foi negada ou subestimada pelos “culturalistas”, os quais permaneceram sempre em nível demasiado superficial, isto é, fizeram o jogo dos “resistentes” à revolução psicanalítica de um lado, com muitas transigências e concessões ao sócio-cultural de outro. “A Psicanálise, já o dissemos anteriormente, fecunda e enriquece as ciências sociais, mas se conserva dentro de finalidade e metodologia próprias, respeitando o setor e metodologia daquelas ciências. Há contato, encontro e influência recíproca, mas não fusão” (Uchôa, 1960).

Na mesma linha se expressaram Nacht e colaboradores (1957): “Não aparece oposição fundamental entre a Psicanálise e a Sociologia, por pouco que se tome o cuidado de não confundir seus métodos respectivos e seus campos próprios de aplicação” ...e, à guisa de conclusão: “Antes de procurar, como se tem muitas vezes tentado em vão, reuni-las a todo preço até confundi-las, a Psicanálise e a Sociologia, nós preferimos concluir sublinhando o que as separa e o que, em nossa opinião, *deve* (grifo dos autores) separá-las. Os progressos de uma e outra ciência só podem prosseguir ao preço de uma interação que respeite sua especificidade.”

E, assim, concluímos no mencionado trabalho: “A Psicanálise não pode ignorar a Sociologia e a Antropologia como ciência do Homem, não pode ignorar o ambiental, o social, o cultural, o homem em sua evolução histórica, as leis do seu desenvolvimento, o mundo objetivo enfim com todos os seus impactos sobre o ser desde quando ainda embrião na situação intra-uterina até quando integrado, como “homem em situação”, em campos de forças de extrema complexidade. Traz a Psicanálise porém sua grande mensagem, sua grande contribuição: a dos fatores dinâmico-inconscientes que iluminam com luz nova os conhecimentos proporcionados pela ciência do homem, preenchendo lacunas, revelando novos sentidos, graças a uma metodologia própria e a uma concepção psico-somática integral do homem que inclui os aspectos mais profundos da psique individual e coletiva” (Uchôa, 1960).

V

A Psicanálise ocupa uma posição “sui-generis” no pensamento contemporâneo. Talvez não seja possível situá-la precisamente den-

tro da Ciência ou da Filosofia contemporâneas. Como já referimos há toda uma série de objeções para incluí-la no pensamento científico, recorrendo mesmo Guntrip ao conceito de “ciência psicodinâmica” (Guntrip, 1967), pôsto nossa opinião seja a de que o método psicanalítico, em suas vertentes técnica e lógica, assim como os dados básicos hoje incorporados ao leito principal do pensamento psicanalítico, assumem o “status” de ciência. Não debateremos aqui sua posição como filosofia. Acompanhamos a resistência, que Freud sempre manifestou, na construção de uma “Weltanschauung” baseada em conceituação psicanalítica básica.

Alguns autores, Maritain como exemplo, se referem a uma “filosofia freudiana” baseada sobre o prejudicado numa negação radical de liberdade e espiritualidade (Maritain, 1958). Com efeito, torna-se difícil um enfoque filosófico da Psicanálise: o acento sobre os fatores irracionais da personalidade atuando no comportamento talvez a aproxime das modernas correntes da filosofia existencial, mas contém ela igualmente fortes elementos racionais, quando postula que o ego deve vencer o id (“onde é id deverá ser ego”), até como uma das finalidades terapêuticas. O acento sobre “várias correntes no pensamento psicanalítico” alude a uma falta de unificação delas num possível corpo de doutrina mais ou menos estável.

A descoberta da Psicanálise e os grandes marcos de sua evolução se devem, em grande parte, ao gênio de Freud, mas este aspecto demasiado pessoal dela influi paradoxalmente em seu desenvolvimento subsequente: progrediu por um lado, mas deteve-se por outro em sua marcha para um “status” de ciência. De um lado, as grandes descobertas e intuições freudianas, e de outro, a rebeldia dos primeiros dissidentes e as adesões quase incondicionais de alguns de seus primeiros discípulos, tais filhos que se rebelam ou que se submetem à autoridade de um pai ambivalentemente amado. Somente quando atingiu a Psicanálise certa fase de maturidade foi possível o advento de pensadores que, pôsto inspirados em Freud, apresentaram capacidade para pensamento independente, criador, mais ou menos desligados da influência direta do Mestre. Freud, um gênio e um pioneiro, usou, muitas vezes, seus extraordinários dotes imaginativos e especulativos, abrindo novos caminhos dentro da psique, mas com o perigo da

inferência escapar aos cânones duma metodologia rigorosa de investigação (como exemplos: os seus escritos de 1915 sobre metapsicologia e sua especulação de 1920, "Para além do princípio do prazer").

Como o caminho aberto era nôvo, como novas e impressionantes iam sendo suas descobertas, provocou extremas resistências e não menos extremas adesões. Seus filhos discípulos reagiram basicamente de duas formas: ou se rebelaram contra o pai onipotente, criando as primeiras dissidências ou se mantiveram a êle fixados em extrema dependência, incapazes de pensamento próprio ou criador (rejeição ou aceitação neuróticas?) da identificação. Por outro lado, alguns dos seus discípulos da primeira hora (Abraham, Sachs, como exemplos) revelaram-se possuidores de grande criatividade, ainda permanecendo dentro das linhas do pensamento freudiano. A partir de determinada fase do pensamento psicanalítico, houve amadurecimento da "vivência" psicanalítica, permitindo mais e mais o aparecimento do pensamento criador. Não apenas os primeiros dissidentes se revelaram capazes de pensamento próprio, mas surgiu, outrossim, tôda uma plêiade de pensadores, contribuindo, cada um a seu modo, para o enriquecimento da Psicanálise ((Jung Adler, Sachs Ferenczi, Abraham, Stelkel, Rank, Federns, Rado, Schilder, Reik, Reich, M. Klein, Heimann, A. Freud, Hartmann, Erikson, entre os de maior destaque).

Alguns permaneceram dentro da teoria psicanalítica clássica, formando outros a escola kleiniana, outros ainda adotando posições mais ou menos ecléticas, reunidos, do ponto de vista regional (grupos europeus, norte-americanos, latino-americanos ou mesmo em círculos mais estreitos de tal ou qual clínica, (as clínicas Tavistock, Menninger, Chestnut, Lodge, o Austen Riggs Center, a do Bellevue Hospital, o Instituto de Psicanálise de Chicago, assim como os grupos de estudo e de trabalho ligados às várias clínicas psicanalíticas européias, latino-americanas etc.).

Livros, revistas, grupos de estudos, simpósios e congressos, êstes últimos em nível nacional ou internacional, possibilitaram ímpetus de atividade investigadora psicanalítica mas, de outro lado, facilitaram polêmicas e divergências, indo, felizmente em poucos casos, a cismas com tendência à formação de novas escolas de pensamento. Porque a imaginação, a fantasia não apenas do paciente mas também do psicanalista, assumem grande importância

em nosso método de trabalho, o caminho está aberto às exorbitações, abusos, desvios e deformações da técnica, sobretudo quando o trabalho de construção e de interpretação se mantém afastado da realidade clínica.

Certos críticos têm objetado que em psicanálise prática tudo pode estar certo ou tudo pode estar errado, dependendo dos esquemas referenciais do psicanalista ou de certos conceitos próprios da doutrina (correção da interpretação confirmada pelo assentimento do paciente ou pela melhoria da sintomatologia, correção da interpretação também confirmada pela não aceitação do paciente ou pela agravação do quadro clínico como fenômeno de “resistência”), o que é grave do ponto de vista duma metodologia científica. Se nas histórias clínicas de Freud sentimos que grande parte das construções se apóia na realidade, o que dá sentimento de segurança e de convicção ao técnico, não devemos esquecer que foi o próprio Freud quem descobriu as “realidades psicológicas”, o papel das fantasias e que escreveu “Construções em análise” (1937).

Ressalta que grande parte das dificuldades técnicas, como também as dificuldades para a aceitação da Psicanálise como ciência, se prendem sobretudo a esses dois ingredientes fundamentais da pesquisa e da terapêutica psicanalíticas: captação de fantasias e defesas inconscientes no analisando pelas fantasias e defesas do analista (campo transferencial-contratransferencial) de um lado e, de outro, o papel também das funções intelectuais e do senso de objetividade por parte do analista para a devolução, sob forma de interpretação do material fornecido pelo paciente, mas agora introjetado e modificado pela sua passagem pelo analista. Isso é um dos pilares básicos da “revolução psicanalítica” no campo da técnica mas também algo de único na história e na configuração de metodologia científica, pôsto já tenha os seus antecedentes na própria história da ciência, como ficou referido de início, isto é, na medida em que foi ela permitindo a introdução de uma faixa de liberdade e mesmo de irracionalismo dentro do antigo “absolutismo determinista”.

Todavia, se impõem o aperfeiçoamento metodológico-técnico e a utilização dos conhecimentos básicos já adquiridos no curso desses 75 anos de vida psicanalítica, que sejam uma espécie de de-

nominador-comum utilizável pelos práticos da Psicanálise. De forma alguma isso implicaria na detenção da pesquisa, uma vez que os novos descobrimentos terão de influir não apenas na teoria, mas na técnica, esta sempre melhorada e aperfeiçoada com os novos achados e através duma reflexão sadia sobre eles.

Frisamos aqui uma necessidade fundamental: a adesão do psicanalista investigador aos dados clínicos concretos, devendo, a nosso ver, a elaboração teórica se entrosar com os dados fenomenológicos, a associação livre de idéias, a observação do campo transferencial-contratransferencial, a observação dos efeitos de interpretação sobre o paciente em suas respostas positivas ou negativas. Faz-se mister, com o aumento da capacidade de captação por parte do analista, que adquira ele a capacidade também da utilização de poucas teorias, como fez notar Bion (1962) ao elaborar interpretações adequadas ao material emergente e por emergir. É claro que os institutos psicanalíticos devem aperfeiçoar mais e mais seus métodos de ensino e de pesquisa, pois já se vem ressaltando que uma certa diminuição de ritmo do progresso psicanalítico se deve à preponderância acentuada do interesse pela terapêutica em detrimento da investigação, a maioria dos analistas conformados com o que já se descobriu e desinteressados pelo que há ainda a ser descoberto, usando, o mais das vezes, conceitos e formulações já de todo superados.

Alguns autores, Engel, por exemplo (1968), formularam severas críticas não apenas contra os métodos de ensino dos institutos dos Estados Unidos, mas mesmo denunciaram certas resistências contra os candidatos mais inclinados à pesquisa do que à prática terapêutica. Freud teve a rara qualidade de reunir em si mesmo o gênio de um investigador e os excepcionais dotes de um grande terapeuta, e sabemos que em Psicanálise, em que pesem as opiniões de Alexander e colaboradores (1946, 1950), andam sempre juntas a investigação e a terapêutica, o que de fato, muitas vezes, diminui o rendimento da pesquisa em favor da preocupação com a cura de paciente.

A melhoria do ensino, através da discussão dos seus vários aspectos em quase todos os pré-congressos psicanalíticos, tem sido uma das principais preocupações dos responsáveis pelo ensino da Psicanálise. Técnicas de seleção de candidato, problemas de su-

pervisão, a posição e as dificuldades dos candidatos dentro do instituto (não apenas com o seu analista-didata mas, também, com os demais analistas-didatas do instituto; não apenas com seu supervisor, mas com os demais supervisores do instituto; suas relações recíprocas com os professores dos cursos teóricos, o problema da credenciação do analista-didata, etc.), todos são problemas de grande relevância para o futuro da Psicanálise.

Urge incentivar a pesquisa através de rigorosa metodologia científica, mas também urge que não entorpecamos nossa capacidade de ousar, de apresentar novos modelos a fim de que persista sempre permeável o acesso a camadas cada vez mais profundas da mente (como exemplo destaquem-se os campos da Psicanálise das psicoses e o da aplicação da análise aos problemas da Parapsicologia). Dissensões de escolas, extensão precoce e inadequada de tal ou qual descobrimento ou conceito ao campo geral da Psicanálise, pontos de vista enfaticamente expostos, mas baseados em observações insuficientes ou incorretas, a busca de (pseudo) originalidade a serviço de hipertrofias narcísicas, entorpecem o progresso da Psicanálise. Servirá melhor à sua causa no presente e no futuro quem souber manter-se, dentro do nível de modéstia e humildade, aconselhado por Gitelson: “Torna-se oportuno, escreveu este autor, um conselho de modéstia para os psicanalistas. Sugiro que não nos tornemos muito ambiciosos e expansivos. Não é mais suficiente a intrínseca potencialidade da Psicanálise como ciência. Fatores inconscientes convergem nos psicanalistas, obscurecendo-lhes suas opiniões sobre si mesmos como cientistas e como membros da sociedade” (Gitelson, 1963).

Por outro lado, não se pode afastar a Psicanálise do contexto sócio-cultural do presente momento, já sendo bem conhecidas suas aplicações em tal campo, trazidas pelo próprio Freud, alguns de seus discípulos (Reik, Roheim, Hartmann, Erikson) e pela escola culturalista. Há necessidade de novas orientações nos campos dos problemas sócio-culturais, psicopatológicos, delinqüenciais, destacando-se a necessidade da profilaxia e da higiene mental em nível individual e coletivo. Urge a necessidade de ser melhorada a saúde mental do homem, ampliando-se e aprofundando-se a Psiquiatria em seus aspectos sociais, desenvolvendo-se celeremente seus ramos culturais e transculturais.

Temos de responder à inquietante pergunta: Qual o papel das várias correntes no pensamento psicanalítico para a solução de tão ingente e urgente problema? Responderemos sob inspiração de Gitelson, quando nos lembrou êle que “nós temos área específica de competência na psicologia individual, e que esta é baseada sôbre a descoberta dos fenômenos psicológicos peculiares, que surgem no contexto de uma peculiar relação didática conhecida como situação psicanalítica” (Gitelson, 1963), e assim, sentirmo-nos incapacitados para uma contribuição positiva em tão importante campo? Correremos realmente o perigo assinalado pelo referido autor de não estar fazendo “aplicações” da Psicanálise, mas apenas *extrapolações* baseadas sôbre analogias e pressupostas continuidades? Não o cremos.

A Psicanálise é, a nosso ver, não apenas método de investigação e de tratamento, mas ciência do inconsciente psíquico que estuda forças em conflito no indivíduo e na sociedade, angústias individuais e coletivas, defesas utilizadas pelo ego individual, familiar e coletivo diante de situações perigosas e ameaçadoras. Assim, não *extrapola*, mas *aplica* suas descobertas e reflexões quando procura compreender a dinâmica da vida social, a psicologia de líderes e governantes, suas dúvidas, incertezas e conflitos na condução do destino de povos e nações. Influi a compreensão psicanalítica nas modernas técnicas terapêuticas psiquiátricas (psicoterapia grupal, socioterapia, hospital terapêutico) e nas novas idéias sôbre psiquiatria comunitária.

A Psicanálise não pretende invadir áreas das demais disciplinas científicas, mas apenas enriquecê-las com novos e mais profundos pontos de vista, confirmando-se assim que não há campos científicos isolados, estanques, mas sim áreas que se influem e se interpenetram na busca da verdade. Também “as correntes atuais no pensamento psicanalítico”, enquanto não se unificarem numa só teoria válida para o esclarecimento da vida mental (consciente e inconsciente), devem se influir reciprocamente, isto é, cooperarem numa aceitação e rejeição recíprocas, respectivamente do bom e do mau existentes em cada uma delas, para o que se impõem o desenvolvimento e a clarificação do pensamento crítico-reflexivo.

A Psicanálise é “revolução em marcha”, pois a mente humana é um contínuo devir, um perene mudar e evolver, o que, aliás, se

depreende da letra e do espírito da obra de Freud. A “revolução psicanalítica” não terminou e jamais terminará, e este é o grande ensinamento, esta a grande conclusão possibilitados pela mensagem de Freud vertida agora nas “várias correntes no pensamento psicanalítico”. Desejamos que os vários relatórios e discussões deste congresso contribuam para o fortalecimento e enriquecimento dos nossos conhecimentos. É esta, prezados colegas, a melhor homenagem que podemos prestar à memória do mestre de todos nós, S. Freud, o sábio de Viena.

CONCLUSÕES

1. Opinamos possuir o método psicanalítico características de método científico, tendo a Psicanálise “status” de ciência, isto é, “ciência do inconsciente psíquico”.

2. Em grande parte é a Psicanálise obra de S. Freud, participando, todavia, muitos dos seus discípulos na construção do que hoje é conhecido como “escola clássica de Psicanálise”.

3. Freud modificou, muitas vezes, o seu pensamento no curso da construção da Psicanálise, o que é natural, dada a natureza de evolução e “revolução” da obra que estava construindo. As primeiras dissidências não abalaram sensivelmente seu pensamento e realização.

4. Em determinada fase do “movimento psicanalítico” surgiram pensadores originais, criadores (Abraham, Ferenczi, Reik, Rank, Sachs, Schilder, Stekel, entre outros), destacando-se a obra de M. Klein, a criadora da denominada “escola psicanalítica inglesa”.

5. Houve (e, em parte ainda há) divergências, dissensões, entre a escola freudiana e a kleiniana com conseqüências várias: certo entorpecimento do progresso psicanalítico de um lado mas, de outro, incentivando o pensamento criador com abertura de novos pontos de vista dentro da teoria e da prática psicanalíticas.

6. A partir de 1923 foi-se criando progressivamente uma “teoria psicanalítica do ego”, destacando-se em tal campo os trabalhos de S. Freud, A. Freud, P. Federn, H. Hartmann, Erik Erikson, Rapaport e outros. As descobertas e formulações aqui se vêm mostrando de grande fecundidade pois, se de um lado são fortemente in-

fluenciadas pelo rico movimento anterior da psicologia do id, de outro, vêm sendo de grande riqueza e utilidade suas aplicações no campo das ciências sociais.

7. Partindo dos trabalhos fundamentais de Abraham e Freud muito vem se enriquecendo o campo da Psicanálise das psicoses, graças aos trabalhos de certas clínicas psicanalíticas americanas (Menninger, Chestnut Lodge, Austen Riggs Center) e ao trabalho da escola de Klein (M. Klein, H. Segal, H. Rosenfeld, Bion e outros). Cumpre mencionar as contribuições pessoais, em tal campo, de vários autores (Federn, Frieda Fromm-Reichmann, J. N. Rosen, Mme. Sechehaye, P. Schilder, E. Pichon-Rivière etc.), todos em esforço conjunto para o enriquecimento de uma Psiquiatria sôbre bases psicanalíticas.

8. A escola da “neopsicanálise culturalista” subestimou pontos essenciais da Psicanálise (teoria dos instintos, dos complexos nucleares, das bases biológicas enfim da Psicanálise), apresentando, todavia, interessantes contribuições no campo da Psicanálise a certos problemas sócio-culturais. Todavia, sob certos aspectos, representa retrocesso a pontos de vista pré-analíticos, ao negar aquisições psicanalíticas básicas, enfraquecendo assim a compreensão psicanalítica profunda do comportamento humano.

9. Há necessidade de aperfeiçoamento da técnica através do aprofundamento dos nossos conhecimentos teóricos. Urge que os institutos psicanalíticos se preocupem mais e mais, no preparo dos futuros psicanalistas, com o problema da pesquisa, selecionando e estimulando vocações nesse campo.

10. Pôsto a Psicanálise seja basicamente um método de investigação e de tratamento (nos campos das neuroses, psicoses e doenças psicossomáticas), opinamos que deve ser estimulado o campo de suas aplicações extramédicas, isto é, o campo das ciências antropológicas, aumentando assim nossa compreensão da problemática psico-social individual e coletiva.

11. As várias correntes psicanalíticas do presente se apóiam na pesquisa e contribuições mais particularmente concentradas sôbre tal ou qual área da teoria psicanalítica básica, sôbre tal ou qual setor da dinâmica pessoal. Podem, a essa luz, ser compreendidas a obra de M. Klein e a dos neoculturalistas, assim como o pensamento de autores eminentes como Ferenczi, Abraham, Reik,

Schilder, Federn, Hartmann, Erikson, Fromm, Reichmann, Fairbairn, Heimram, Segal, Rosenfeld, Winnicott e tantos outros que contribuíram e ainda vêm contribuindo para o enriquecimento da “ciência psicanalítica”.

PROPOSIÇÕES A SEREM DISCUTIDAS PELO CONGRESSO

1 — Qual é, no pensamento psicanalítico atual, o “vivo” da obra de Freud, sua parte imperecedoura que persistirá como algo de básico e indispensável em Psicanálise?

2 — O que pensa o Congresso sobre o fato de a Psicanálise ter-se diversificado em correntes várias de pensamento: traduz algo de positivo no desenvolvimento da Psicanálise como ciência ou corresponde a uma forma (intelectualizada) de resistência ao pensamento e obra de Freud?

3 — O que pensa o Congresso sobre as obras de Klein, Bion e dos “culturalistas” em relação ao futuro da Psicanálise? Qual o vivo e o morto em tôdas essas correntes de pensamento?

4 — O que pensa o Congresso sobre a posição da Psicanálise diante dos urgentes problemas sociais que estamos vivendo (insegurança geral diante de perspectiva de conflitos armados, rebeliões de juventude, aumento de toxicofilia, do comportamento agressivo-criminoso etc.). Terá a Psicanálise alguma ou algumas sugestões a oferecer em tão importante campo?

5 — O que pensa o Congresso sobre a forma geral (adotada em vários institutos psicanalíticos de ensino) por que estão sendo conduzidas a formação e educação psicanalíticas? Por exemplo, deverá ser introduzido o ensino mais minucioso e completo das ciências sociais para assim aumentar o campo de vivência dos futuros analistas sobre tema de tanta relevância para a Humanidade?

6 — De que forma os institutos poderão incrementar o amor pela pesquisa e criatividade construtiva, fazendo recuperar o espírito pioneiro, ousado de Freud e de seus primeiros discípulos contra, de outro lado, uma atitude atual de acomodação de terapêutica que parece estar entorpecendo o progresso da Psicanálise, atitude esta que é, sem dúvida, responsável pela crise que atualmente ela atravessa?

São estas, meus colegas, algumas das perguntas que me parecem urgentes e que seria de interesse serem elaboradas e respondidas por êste Congresso.

RESUMO

O autor, após conceituar a Psicanálise, analisa sua posição dentro da Ciência. Refere-se às várias modificações do pensamento de Freud e seus esforços por superar toda uma tradição fisicalista e positivista dominante na segunda metade do século passado. Após construir uma psicologia do id, elaborou a moderna Psicanálise do ego, de orientação dinâmico-estruturalista, sem prejuízo das notáveis descobertas anteriores no campo dos instintos, dos afetos e fantasias, tendo sido particularmente importante sua descoberta do "inconsciente psíquico". Teve discípulos fiéis e dissidentes que, de forma alguma, prejudicaram a profundidade e riqueza da obra que construiu. Refere-se o autor às contribuições de Schilder, Federn, M. Klein, Fairbairn, Bion e vários outros eminentes autores, detendo-se também na análise da escola "culturalista". Analisa e critica a posição desses vários autores, acentuando, todavia, as contribuições positivas para o enriquecimento do pensamento psicanalítico atual.

Enfatiza a importância da investigação em Psicanálise ao lado da "psicanálise terapêutica", ressaltando outrossim o campo de suas aplicações em Medicina e nos vários ramos das ciências antropológicas. Pensa que a "revolução psicanalítica" não terminou e jamais terminará, pois é inerente ao pensamento de Freud o conceito de evolução, de devir, a Psicanálise considerada "ciência do inconsciente psíquico" que estuda forças em conflito no indivíduo e na sociedade, angústias individuais e coletivas, defesas mobilizadas pelo ego individual, familiar e coletivo diante de situações perigosas e ameaçadoras. Parece ser êste o denominador-comum nas várias correntes do pensamento psicanalítico, que, por certo, evoluem para um leito comum baseado na obra e no espírito de Freud e dos seus ilustres discípulos e continuadores.

SUMMARY

The Present Trends in the Psycho-Analytic Thought

The author studies the position of psychoanalysis in the science and the modifications of the freudian thought. Freud tried to overcome the orientation and methodology of the positivism and physicalism in order to understand the new facts he was discovering. After building an id psychology

Freud elaborated a structural and dynamic ego psychology with contributions of many pupils and cooperators. The author reports on the many contributions of Schilder, Federn, M. Klein, Fairbairn, Bion, Hartmann, Erikson and the "culturalist" school, with some criticism and stressing its positive participation in the present psychoanalytic thought.

He mentions the important rôle of the investigation in psychoanalysis and its application in the fields of medicine and the social sciences. The psychoanalytic revolution, the author thinks, didn't end and never will, as it represents the nucleus and the spirit of the work of S. Freud, i.e., of the psychoanalytic thought.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, F. (1950) — The Evolution and Present Trends of Psychoanalysis. Congrès International de Psychiatrie (v) Paris: Hermann éd.

ALEXANDER, F. FRENCH, TH. M. (1946) — *Psychoanalytic Theory*. New York: Ronald Press.

BION, W. R. (1962) — *Learning from Experience*. London: W. Heinemann.

BION, W. R. (1963) — *Elements of Psychoanalysis*. London: H. Heinemann.

BION, W. R. (1965) — *Transformations. Change from Learning to Growth*. London: W. Heinemann.

BION, W. R. (1967) — *Second Thoughts*. London: W. Heinemann.

BRENNER, C. H. (1968) — Psychoanalysis and Science. *Journ. Amer. Psychoanal. Ass.*, 16: 675-696.

BRIERLEY, M. (1969) — "Hardy Perennials" and Psychoanalysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 50: 447-452.

BROSIN, H. W. (1955) — Validation of Psychoanalytic Theory. *Journ. Amer. Psychoanal. Asso.*, 3: 489-495.

ENGEL, G. L. (1968) — Some Obstacles to the Development of Research in Psychoanalysis. *Journ. Amer. Psychoanal. Ass.*, 16: 195-229.

ERIKSON E. H. (1950) — *Childhood and Society*. New York: Norton.

ERIKSON, E. H. (1961) — *Identity and Life Cycle*. New York: Internat. Univers. Press.

ESCALONA, S. (1952) — Problems in Psycho-Analytic Research. *Int. J. Psychoanal.*, 33: 11-21.

FAIRBAIRN, W. R. D. a) (1940) — Schizoid Factors in the Personality; b) (1941) — A Revised Psychopathology of the Psychoses and Psychoneuroses; c) (1951) — A Synopsis of the Development of the Author's Views regarding the Structure of the Personality. Em *Psychoanalytic Studies of the Personality*. London: Tavistock, 1952.

- FREUD, A. (1927) — *Psicoanálisis del Niño* (trad. do Alemão por L. Rosenthal). Buenos Aires: Ed. Iman, 1951.
- FREUD, A. (1936) — *Das Ich und die Abwehrmechanismen*. Wien: *Internat. Psychoanal. Verlag*.
- FEDERN, P. — *Ego Psychology and the Psychoses*. (Ed. by Edoardo Weiss). New York: Basic Books, 1952.
- FREUD, S. (1895) — Project for a Scientific Psychology. *S. D.*, 1: 281-346, 1966.
- FREUD, S. (1908) — "Civilized" Sexual Morality and Modern Nervous Illness. *S. E.*, 9: 177-204.
- FREUD, S. (1911) — *Formulations on the two Principles of Mental Functioning*. *S. E.*, 12: 213-22, 1958.
- FREUD, S. (1912-13) — *Totem and Taboo*. *S. E.*, 13: 1-162, 1955.
- FREUD, S. (1914) — *Three Essays on the Theory of Sexuality*. Preface to the Third Edition. *E. S.*, 7: 131.
- FREUD, S. (1915) — a) Unconscious, *S. E.*, 14: 159-204, 1957. b) Thoughts for the Times on War and Death. *S. E.*, 14: 273-30.
- FREUD, S. (1917) — *Mourning and Melancholia*. *S. E.*, 14: 237, 258, 1957.
- FREUD, S. (1920) — *Beyond the Pleasure Principle*. *S. E.*, 18: 3-64, 1955.
- FREUD, S. (1921) — *Group Psychology and the Analysis of the Ego*. *S. E.*, 18: 105-110, 1955.
- FREUD, S. (1923) — *The Ego and the Id*. *S. E.*, 19: 3-66, 1961.
- FREUD, S. (1925) — *Psycho-Analysis*. *S. E.*, 20: 259-270.
- FREUD, S. (1926) — Anxiety, Pain and Mourning: Em "Inhibitions, Symptoms and Anxiety". *S. E.*, 20: 169-172, 1959.
- FREUD, S. (1927) — *The Future of an Illusion*. *S. E.*, 21: 3-56, 1961.
- FREUD, S. (1930) — *Civilization and its Discontents*. *S. E.*, 21: 59-145, 1961.
- FREUD, S. (1937) — a) Analysis Terminable and Interminable; b) Constructions in Analysis; *S. E.*, 23, 1964.
- FREUD, S. (1938) — An Outline of Psycho-Analysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 21: 27-84, 1940.
- FREUD, S. (1939) — *Moses and Monotheism: Three Essays*. *S. E.*, 23, 1964.
- FROMM, E. (1958) — *El Miedo a la Libertad* (4ª ed.), B. A. Paidós, 296, 297.
- FROMM, E. (1959) — *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar ed.
- GITELSON, M. (1963) — On the Present Scientific and Social Position of Psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 44: 521-527.
- GUNTROP, H. (1967) — The Concept of Psychodynamic Science. *Int. J. Psycho-Anal.*, 48: 32-43.

- GLOVER, E. (1952) — Research Methods in Psycho-Analysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 33: 403-409.
- GRINBERG, L. (1969) — New Ideas: Conflict and Evolution. *Int. J. Psycho-Anal.*, 50: 517-523.
- HARTMANN, H. (1939) — *Ego Psychology and the Problem of Adaptation*. New York: Intern. Univers. Press, 1958.
- HARTMANN, H. (1964) — *Essay on Ego Psychology*. New York. Intern. Univers. Press.
- HOME, H. J. (1966) — The Concept of Mind. *Int. J. Psycho-Anal.*, 4: 42-49.
- HORNEY, K. (1937) — *The Neurotic Personality of our Time*. New York: Norton.
- HORNEY, K. (1939) — *New Ways in Psycho-Analysis*. New York: Norton.
- HUG-HELLMUTH, H. VON (1921) — On the Technique of Child Analysis. *Int. J. Psycho-Anal.*, 2: 287-305.
- JONES, E. (1957) — *The Life and Work of Sigmund Freud*. New York: Basic Books, 3, 220.
- KARDINER, A. (1936) — *El Individuo y su Sociedad*. México. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1945.
- KARDINER, A., LINTON, R., DU BOIS, C., WEST, L. (1935) — *Fronteras Psicológicas de la Sociedad*. México — Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955.
- KLEIN, M. — a) (1921) — *The Development of a Child*; b) (1923) — Infant Analysis. Em "*Contributions to Psycho-Analysis*". London: Hogarth Press, 1948.
- KLEIN, M. (1932) — *The Psycho-Analysis of Children*. Trad. ingl. por A. Strachey (2ª ed.) London: Hogarth, 1937.
- KLEIN, M. (1934) — A Contribution to the Psychogenesis of Manic-Depressive States. Em "*Contributions to Psycho-Analysis*". London: Hogarth, 1948.
- KLEIN, M. (1946) — Notes on some Schizoid Mechanisms: Em "*Developments in Psycho-Analysis*". London: Hogarth, 1952.
- KLEIN, M. (1948) — *Contributions to Psycho-Analysis*. London: Hogarth Press.
- KLEIN, M., HEIMANN, O., ISAACS, S. RIVIÈRE, J. (1952) — *Developments in Psycho-Analysis*. London: Hogarth Press.
- KLEIN, M. (1957) — *Envy and Gratitude*. London: Tavistock Publications.
- KLEIN, M. (1961) — *Narrative of a Child Analysis*. London: Hogarth Press.

- KLUCKHOHN, C. (1954) — The Influence of Psychiatry on Antropology in America during the past one Hundred Years. Em "*One Hundred Years of American Psychiatry*". N. Y.: 1954. Columbia O. Press.
- KNIGHT, R. P. (1954) — The Present Status of Organized Psychoanalysis in the United States. Em "*Psychoanalytic Psychiatry and Psychology*". New York: Intern: Univers. Press.
- MALINOVSKY, B. (1949) — *Estudios de Psicologia Primitiva*. Ed. Paidós, Buenos Aires.
- MARITAIN, J. (1958) — Freudianism and Psychoanalysis: A Thomist View. Em "*Freud and the 20th. Century*". London: George Allen.
- MEAD, M. (1928) — *Coming of Age in Samon*. New York: Morrow, 1945.
- MEAD, M. (1952) — Some Relations between Social Antropology and Psychiatry. Em "*Dynamic Psychiatry*" (F. Alexander and H. Ross). Chicago: U. of Chicago Press.
- MULLAHY, P. (1947) — A Theory of Interpersonal Relations and the Evolution of Personality. Em Sullivan, H. S., 1947.
- NACHT, S., DIATKINE, R., RACAMIER, P. C. (1957) — Psychoanalyse et Sociologie. *Rev. Franc Psa.*, 21: 244-282.
- ROHEIM, G. a) (1950) — Psychoanalysis and Anthropology N. Y., *Int. Univers. Press*. b) (1952) — The Anthropological Evidence and the Oedipus Complex. *Psychoanal. Quart.*, 21: 537-542, 1952.
- SEARS, R. R. (1944) — Experimental Analysis of Psychoanalytic Phenomena. Em "*Personality and the Behavior Disorders*" (J. Mc Y. Hunt ed.) Vol. I, New York; Ronald Press.
- SULLIVAN, H. S. (1947) — Conception of Modern Psychiatry. Washington: *W. A. White Psychiat. Foundation*.
- SCHILDER, P. (1928) — Introduction to a Psychoanalytic Psychiatry. Trad. por B. Glueck. New York: *Nerv. Ment. Dis. Publications*.
- UCHÔA, M. D. (1960) — Aplicações Sociais e Difusão da Psicanálise. Relatório apresentado ao III Congresso Psicanalítico Latino-Americano. Santiago (Chile). Janeiro, 1960.
- WEISS, E. (1950) — *Psychodynamics*. New York: Grune and Stratton.
- WEISS, E. (1951) — Paul Federn's Scientific Contributions: in Commemoration. *Int. J. Psycho-Anal.*, 32: 283-290,